

Apresentação

Comunicação & Educação faz 25 anos. Esta edição especial comemora o feito deste periódico, criado pelo Departamento de Comunicações e Artes para ser a revista do curso de especialização lato sensu Gestão de Processos Comunicacionais. A iniciativa foi capitaneada pela prof.^a dr.^a Maria Aparecida Baccega, que assinou a apresentação do número 1 da revista e, agora, 25 anos depois, retomamos seu texto para refletirmos sobre como os meios de comunicação e a educação andaram juntos e separados nesse um quarto de século.

Esta edição especial foi planejada e seus artigos produzidos antes da morte da professora Baccega. No dia 3 de janeiro de 2020, ela se foi, e deixa-nos um legado importantíssimo na área da pesquisa da Comunicação, incluindo aí a nossa revista, as pesquisas seminais sobre telenovela¹, a expansão do campo profissional com a formação do gestor em processos comunicacionais, os estudos de recepção e consumo, e sobretudo sua contribuição na área dos estudos da linguagem e da análise do discurso.

Aspecto teórico fundamental na obra da prof.^a Baccega é sua contribuição para compreendermos a ação da dialética materialista em relação ao conceito de sujeito. Seus estudos sobre a linguagem estão ancorados na formulação do conceito de sujeito como indivíduo social. Ela revisita Karl Marx, Adam Schaff, Valentin Volóchinov e Mikhail Bakhtin para desvelar a dialética entre o social e o particular individual². Essa relação é que forja a nossa subjetividade, o sujeito social. Daí a linguagem verbal ser complexa e uma potência para compreendermos o que se passa na sociedade.

Dessa compreensão derivam outras formulações teóricas relevantes sobre a comunicação. A que oferecemos para os leitores nesse número especial trata do processo básico de produção-recepção mediado pelas lógicas editoriais dos meios de comunicação.

Baccega trata do mundo editado à edição do mundo como processo comunicacional, ou seja, a mensagem torna-se comunicação na interação com o outro, o ser social.

Em meados do século XX, já se discutia sobre a presença dos meios de comunicação na escola e na vida diária, mesmo se TV, rádio, jornal e cinema não fossem acessados diretamente pelos “receptores”, visto que

‘Notas de fim’

1 A revista *Veja* publicou em 24 de janeiro de 1996 uma entrevista bombástica com a prof.^a Maria Aparecida Baccega. As páginas amarelas de *Veja*, sempre reservadas a personalidades e temas polêmicos, tratou da telenovela como cultura. Baccega critica, nessa entrevista, o preconceito existente na academia contra os estudos sobre a telenovela e afirma a necessidade de esse produto cultural da maior relevância para a cultura popular ser estudado nas escolas.

2 Essa contribuição pode ser recuperada sobretudo em dois de seus livros: *Palavra e discurso: literatura e história* (Ed. Ática, 1995) e *Comunicação e linguagem: discursos e ciência* (Ed. Moderna, 1998).

as mensagens circulam na sociedade e é nas interações sociais que elas adquirem sentido. Hoje fica ainda mais explícito como sempre fomos/somos produtores/receptores dos processos comunicacionais. Os meios de edição estão bastante facilitados pelos softwares e aplicativos, disponíveis até nos celulares.

De lá para cá, vimos o desenvolvimento da internet: dos sites, blogs, e-mails às redes sociais, algoritmos, aprendizado de máquina (ou inteligência artificial). Temos acesso a dispositivos editoriais de toda sorte que permitem fazer e desfazer imagens, enunciados, notícias etc., a depender do compromisso ético de cada um com o social e com o outro. Sofremos com a desinformação e com as fake news.

Saímos de um período de conquista da Constituição cidadã de 1988, para desaguarmos numa profunda crise social, política e econômica (para os pobres). O capitalismo de plataforma, o neocolonialismo ou o neoliberalismo parece que vai bem, fazendo estragos na vida das pessoas em muitos lugares no mundo. São milhões de desempregados, sobretudo jovens de todas as camadas sociais. O trabalho precário, o trabalho digital mediado por plataformas é a máxima da inter-relação de todas as atividades com a comunicação. Nossa contribuição é a formação de um novo perfil profissional: o educador.

Apesar de tantas mudanças, a saída para uma vida melhor continua a mesma: a garantia dos direitos à educação, à saúde, à moradia e ao trabalho para todos e todas. A educação não é embotamento dogmático excludente e supremacista. A educação é a palavra-mundo do indivíduo – social, histórico e crítico.

Nós, professores do Departamento de Comunicações e Artes, que assinamos os artigos desta edição especial, desejamos vida longa à Comunicação & Educação e manifestamos nosso compromisso com o legado ético e intelectual da professora Baccega.

Do mundo editado à edição do mundo

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Baccega

Está nascendo a revista *Comunicação & Educação*. Seu objetivo, como o próprio nome diz, é dialogar com o público sobre esse espaço, já construído, onde Educação e Comunicação se encontram. Trata-se de um espaço cuja ação está presente em cada sala de aula, em cada grupo de pessoas, em cada um de nós. Até mesmo nos nossos monólogos interiores, aquelas eternas conversas que cada um tem consigo próprio: para refletir sobre uma atitude, sobre um fato novo (“será que o Real é mesmo vantajoso? até quando?”), para estruturar a sequência do nosso dia (“vou dar aula, na saída apanho meu filho na escola, depois...”), para planejar o nosso mês (sempre mais longo que o salário) ou a própria vida.

E por que podemos afirmar que Comunicação/Educação é um espaço já construído?

Como diz Paulo Freire, nós vivemos no mundo e com o mundo. E que mundo é esse? É aquele que é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento. Afinal, não podemos estar “vendo” todos os acontecimentos, em todos os lugares. É preciso que “alguém” os relate para nós.

O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros, até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos.

São esses filtros – instituições e pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos.

Aqui está um dos pontos básicos da reflexão sobre o espaço onde se encontram Comunicação e Educação e que gostaríamos de mostrar: que o mundo é editado e assim ele chega a todos nós; que sua edição obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos, e que, desse modo, acabamos por “ver” até a nossa própria realidade do jeito que ela foi editada.

Editar é, portanto, construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra.

Editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando determinado objetivo, fazendo valer determinado ponto de vista.

Até agora só falamos de um lado: o da produção dos programas (de rádio ou televisão), jornais, revistas etc., o lado que edita o mundo para nós. Mas há o outro lado: o dos que “recebem” esses programas, os que leem esses jornais e

revistas. Esse outro lado somos nós, os alvos de toda essa produção. Somos um lado também muito importante, porque não somos passivos, não somos meros recipientes onde os produtos da chamada indústria cultural são despejados e inteiramente absorvidos. E, ainda bem, a comunicação só acontece no encontro desses dois lados: “emissor” e “receptor”. Os programas só acontecem quando nós os vemos e ouvimos; os jornais e revistas, quando os lemos.

Se é certo que a comunicação só se efetiva quando a “mensagem”, aquilo que é dito, foi apropriado por quem recebe, por nós, então torna-se fundamental conhecer como funcionam os meios, para que tenhamos condições de conhecer melhor o mundo, buscando desvendar os mecanismos usados na sua *edição*. Só desse modo poderemos trabalhar adequadamente esses meios em nossas atividades educacionais.

Afinal, são eles a fonte primeira que educa a todos os educadores: pais, professores, agentes de comunidade etc. Somos todos alunos: precisamos procurar entendê-los bem, saber ler criticamente as “lições” que os meios de comunicação ministram, para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, *editado*, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania.

POR QUE A REVISTA?

O curso Gestão de Processos Comunicacionais, ministrado em pós-graduação pelo Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, inclui um núcleo de “Comunicação e Educação”, que tem como objetivo básico a formação de profissionais capazes de:

- a) usar os recursos da comunicação/cultura no processo de ensino-aprendizagem. Tais recursos são tanto os equipamentos que eventualmente a instituição educacional possua quanto os programas dos meios de comunicação que os alunos trazem consigo pelo simples fato de, no cotidiano de suas vidas, serem também “receptores”, além da comunicação interpessoal, aquela que se faz utilizando-se o mais democrático de todos os equipamentos: o boca a boca;
- b) saber planejar os processos de comunicação/cultura próprios do ambiente educacional. Esses processos incluem inter-relações alunos/pais/professores/autoridades escolares/funcionários; inserção da instituição no bairro ou na cidade; utilização dos equipamentos de comunicação/cultura que o bairro ou a cidade oferecem (museus, casas antigas, grupos musicais, grupos teatrais etc.), entre outras;
- c) desenvolver critérios e métodos para a análise das políticas e dos processos comunicacionais que se produzem através da indústria cultural, dos chamados meios massivos como o cinema, a televisão, o rádio, os jornais, as revistas. O conhecimento e a análise dessas políticas são

indispensáveis para se saber os objetivos, interesses e pontos de vista a partir dos quais estão sendo construídos os programas dos meios.

O suporte da formação deste profissional é o que poderíamos chamar de uma “pedagogia dos meios”, enfocada a partir da ciência da Comunicação, que apresenta uma natureza multidisciplinar e se constitui com base na transdisciplinaridade.

Nosso objetivo é, portanto, tentar superar o “ranço” tradicional com que os meios de comunicação costumam ser tratados na área de Educação. Esse “ranço” se expressa numa escala que vai da tentativa de subordinar os estudos dessa presença nos sistemas formais e não formais de educação a posturas rígidas, tradicionais, incapazes de dar conta do espaço Comunicação/Educação, àquela que, muitas vezes por desconhecimento, revela um exagerado fascínio com relação aos meios e da qual resulta, inclusive, a perda da criticidade.

A decisão de criar uma publicação periódica, voltada especificamente para as inter-relações comunicação/cultura/educação resulta dessa postura e tem as seguintes premissas:

- a) os meios de comunicação estão nas salas de aula, quer das escolas que possuem um aparato tecnológico de primeira linha (escolas de clientela de nível socioeconômico A), quer daquelas que podemos denominar de escolas de “terra batida e pés descalços”;
- b) os meios de comunicação estão presentes no cotidiano das pessoas e nelas introjetados, de tal modo que, onde houver seres humanos, os meios estarão presentes.

Isso posto, consideramos que compete ao educador conhecer os meios e saber utilizá-los a favor de seus objetivos e, para tanto, professores e educadores precisam ser informados sobre a construção e edição desse “mundo de representações”. Desse modo, ao “receber” os produtos culturais, sua percepção será diferenciada, possibilitando uma leitura mais adequada do mundo.